

# QUEM E COMO SE FEZ O CONCÍLIO VATICANO II?

*Prof. Fernando Altemeyer Junior\**

\* Doutor em Ciências Sociais.

## **Resumo:**

O autor faz uma leitura analítica de como e quem fez o Concílio Vaticano II. Concílios são feitos por bispos sob a inspiração do Espírito Santo, procurando responder às ansiedades humanas da Igreja e da humanidade na busca do Reino de Deus. Faz assim uma leitura dos recursos humanos, dos padres conciliares, dos recursos materiais e financeiros. É uma análise pormenorizada e crítica de como aconteceu o Concílio Vaticano II.

**Palavras-chave:** Vaticano II; Padres Conciliares; Recursos: humanos e financeiros.

The author makes an analytical reading on the Vatican II event. The bishops, under the inspiration of the Holy Spirit, did the Vatican II, seeking for answers for human anxieties, in the Church and in the human family, in course of the Kingdom of God. So it is about focusing on the human resources, the Council fathers, material and financial resources. Is a detailed and critical analysis of how and what happened the Vatican II.

**Key words:** Second Council: The Council Fathers; Resources: material and financial.

O que é preciso para fazer um Concílio? Esta pergunta é complexa, que exige resposta completa. Concílios são feitos por bispos sob a inspiração do Espírito Santo para

responder perguntas da humanidade e da Igreja que está a serviço do Reino de Deus. Mas, também é preciso de muita boa vontade, diálogo e infraestrutura. Os recursos humanos precisam estar em sintonia com o momento histórico e contar com efetivos meios teóricos, pastorais e inclusive financeiros. Muita gente é envolvida e muitas estruturas precisam ser criadas e gerenciadas. Estima-se em dez mil o número de participantes envolvidos no último Concílio Vaticano II.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Cf. G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO. (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1 – O anúncio e a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962), Petrópolis: Vozes, 1995, p. 489.

<sup>2</sup> G. CAPRILE. *II Concílio Vaticano II*. Quarto período - 1965. Volume V. Roma: Edizione La Civiltà Cattolica, 1969, p. 471.

## 1. Os atores conciliares

O número de padres conciliares participantes girou em torno de 2.400 a cada dia, nas 168 Congregações Gerais celebradas em quatro anos deste evento eclesial.<sup>2</sup> A idade média dos bispos era de 60 anos. Comparando estes números ao Primeiro Concílio Ecumênico celebrado em Niceia, no ano 325, com 318 padres; ao de Calcedônia com 630 padres; ao Quarto Lateranense com 1212 participantes; ao de Trento com 214 padres; e recentemente ao Concílio Vaticano I com 788 padres, vemos que nunca houve Assembleia tão grande, representativa e exigente na demanda de serviços e organização institucional.

A primeira sessão se deu entre 11/10/1962 até 8/12/1962, e nela marcaram presença 2448 padres conciliares (no mundo havia 2904 bispos e muitos outros superiores gerais). A segunda sessão foi celebrada de 29/09/1963 até 04/12/1963 com a presença de 2488 padres (total de bispos no mundo 3022). A terceira sessão transcorreu de 14/09/1964 até 21/11/1964 com a presença de 2468 padres (bispos vivos no mundo 3074). A quarta e última sessão ocorreu de 14/09/1965 até 08/12/1965, com a presença de 2625 padres (bispos no mundo 3093).

O total conciliar foi de 3.060 membros sendo 129 superiores gerais; dois papas; e um número considerável de cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, prelados, prefeitos e abades *nullius*. Estiveram presentes 52 leigos ouvintes, 168 observadores de outras Igrejas cristãs e 480 peritos. Da Europa: 1060 padres de 37 países. Ásia: 408 padres de 29 países. África: 351 padres de 50 países. Oceania: 74 padres de 5 países. América do Norte: 416 padres de 4 países (USA, Canadá, México, Ilha St. Pierre et Miquelon). América Central e Caribe: 89 padres de 16 países. América do Sul: 531 padres de 12 países. Total: 3058 bispos vindos de 158 países + 2 papas = 3.060 padres conciliares.

Durante o tempo conciliar morreram 225 bispos e foram nomeados 296 novos bispos. Cerca de 500 bispos não compareceram, por motivos de doença, ou impedimentos políticos e econômicos. Havia um número expressivo com idade avançada, e foram impedidos de viajar por Mao Tsé-Tung os bispos da China, Coreia do Norte e Vietnã do Norte, por ordem expressa do regime comunista. Ainda em muitos países do Leste Europeu, governados por ditaduras soviéticas, muitos bispos estavam em prisões e campos de concentração comunistas e também foram impedidos de ir para Roma, salvo alguns poucos prelados.

A média da presença dos bispos vivos do mundo variou entre 80,23% na terceira sessão que foi a mais baixa chegando ao índice de 84,88% na sessão de 1964, a mais expressiva numericamente.<sup>3</sup> Foram 3.058 os padres participantes de parte ou em todos os quatro períodos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Idem, p. 553.

<sup>4</sup> Ibidem.

## 2. Procedimentos preliminares

O anúncio primordial se fez em 25 de janeiro de 1959, e muito trabalho agitou a *enorme engrenagem da Igreja romana*.<sup>5</sup> Em 18 de junho de 1959, foram enviadas 2.593 cartas para todos os bispos, facultades e superiores gerais para que dissessem o que deveria ser a pauta deste Concílio. Houve 1998 respostas em um total de cinco mil páginas que precisaram ser classificadas e devolvidas.<sup>6</sup> A estrutura posterior à consulta foi bem mais complexa, com a criação das Comissões que preparou 70 esquemas, em geral prolixos e fora da realidade das culturas e dos povos. Documentos de gabinete que logo na primeira sessão foram rejeitados em favor de outra ordem de trabalho que irá alterar profundamente as comissões e o projeto fixista da Cúria Romana e abrir horizontes para um efetivo Concílio.

A primeira mobilização para sustentar o Concílio em seu dia-a-dia foram as Comissões preparatórias depois assumidas como Comissões Conciliares com seus 160 membros eleitos (10 comissões com 16 bispos cada) após o adiamento proposto pelo Cardeal Liénart de Lille.<sup>7</sup> Estas comissões foram sendo primariamente articuladas dentro da estrutura da própria Cúria romana:

No final de 1961, o número de pessoas envolvidas na preparação do Concílio chegava a 846. A maioria dos postos-chave era ocupada por membros da Cúria Romana e por professores das universidades romanas. A composição das comissões era internacional, mas com cerca de 80% de europeus. Os demais eram: 53 asiáticos, 17 africanos, 87 da

<sup>5</sup> Cf. G. ALBERIGO (org.). *Breve História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1990, p. 396.

<sup>6</sup> J. W. O'MALLEY. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 31.

<sup>7</sup> Idem, p. 111.

América do Norte, 64 da América Central e do Sul e 11 da Oceania. As Igrejas orientais participavam com 48 membros, entre patriarcas, bispos, sacerdotes e religiosos. As comissões serão ainda mais ampliadas: a comissão central contava com 92 membros (sendo 49 cardeais, 5 patriarcas e 4 superiores religiosos) e 28 consultores (1 patriarca, 8 arcebispos, 13 padres e 6 religiosos). As dez comissões preparatórias e os dois secretariados contavam com 299 membros e 280 consultores. Em novembro de 1961, com os novos componentes das comissões, o resultado passou a ser este: 79 países representados, 174 italianos (25%), 82 franceses, 70 norte-americanos, 60 alemães, 45 espanhóis, 38 belgas (o país mais bem representado em relação à demografia populacional), 22 holandeses, 43 asiáticos (destes, 10 eram libaneses), 14 africanos (12 destes eram de origem europeia, mas residiam na África), 48 latino-americanos e 7 da Oceania. As Igrejas orientais unidas a Roma eram bem representadas: 48 patriarcas, bispos, padres e religiosos provenientes de 22 grupos étnicos diferentes. Eram cerca de 300 bispos, 146 professores e 11 reitores de universidades, 44 responsáveis de instituições, 17 diretores de revistas ou de jornais e 353 religiosos (entre estes uns 60 cardeais e bispos) pertencentes a 70 ordens e congregações (na maioria eram jesuítas e dominicanos). Não figurava um grande número de leigos, nem mesmo na comissão para o apostolado dos leigos. Outra ausência gritante está relacionada à pequena presença de mulheres, mesmo na comissão para os religiosos e as religiosas.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> N. de SOUZA, Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. *In Concílio Vaticano II - análise e perspectivas*, São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 30-31.

<sup>9</sup> G. CAPRILE. *II Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 558.

Mas isto sofreu mudanças logo na primeira semana do Concílio pela maturidade de alguns bispos presentes na Aula. E ao votar novas listas se fez um novo modo de proceder e agir. As sessões plenárias, abertas com a celebração da missa, seriam todas realizadas na basílica vaticana; as comissões trabalhariam em diversas sedes e inclusive fora de Roma. Mas, o episcopado se descobriu ator e sujeito colegial depois de séculos de centralismo. Os primeiros dois meses se revelaram como uma graça imensa para a Igreja. Diz o Cardeal Léger: *Hoje o caminho da Igreja é irreversível. O Concílio não terminará: a Igreja se tornou conciliar.*<sup>9</sup>

### 3. Dinâmica conciliar

Na plena liberdade de cada bispo poder expressar-se, fazia-se comunhão. Isto era uma das novidades estruturais do Concílio Vaticano II e uma nova experiência pessoal e espi-

ritual para cada um dos padres presentes. Deixavam de ser como que mini-bispos submetidos ao poder vertical da Cúria para assumir a colegialidade episcopal junto com o bispo de Roma no governo da Igreja universal.

Em Roma, a colocação dos milhares de participantes do concílio – não só os padres, mas também os peritos (oficiais ou não), os observadores e os numerosíssimos jornalistas de todo o mundo – havia criado problemas de não pequena monta, produzindo também uma cansativa dispersão.<sup>10</sup>

Tudo isso foi se metamorfoseando quando os bispos assumiram a colegialidade e a ação sinodal. Sentiram-se de fato bispos adultos, inclusive pela confirmação explícita do papa quando da eleição em 16 de outubro de 1962 das comissões com novo rosto sem a preponderância de europeus, e de modo particular italianos da Cúria. *Em 1961, 10 das 11 congregações eram dirigidas por cardeais italianos, mas em 1970 os italianos só dirigiam quatro das 12 Congregações.*<sup>11</sup>

Houve muitos atores antes, durante e depois das quatro sessões. O ator principal e certamente o protagonista primeiro foi o Espírito Santo soprando sobre a mente e coração do Santo Padre João XXII, um camponês bergamasco que atendeu ao apelo de Deus e pôs toda a Igreja Católica em movimento na história. O papa Roncalli soube ouvir o chamado de Deus e realizar a virada institucional e apresentar um novo rosto e modo de ser Igreja. Ainda que esse papa corajoso e lúcido mantivesse contato permanente com a presidência do Concílio composta inicialmente de dez cardeais nomeados: Tisserant, Tappuni, Spellmann, Pla y Daniel, Frings, Ruffini, Caggiano, Alfrink, Liénard e Gilroy, ele sempre soube ouvir as vozes proféticas que vinham da aula conciliar. Particularmente se articulou com a imensa maioria conciliar que queria mudanças e fidelidade ao Evangelho de Cristo.

Foram nomeados pelo Papa Paulo VI quatro cardeais moderadores a partir da Segunda Sessão: Suenens, Döpfner, Lercaro e Agagianian, que agilizaram as práticas e os modos de conduzir as votações. João XXIII e Paulo VI, sempre se mantiveram conectados aos líderes dos vários episcopados pela mediação de intelectuais preparados e fieis como Agostino Bea, Maximos IV Saigh, Lercaro e Helder Câmara.

Houve o papel permanente do Secretariado Geral capitaneado pelo arcebispo Pericle Felici, com a ajuda de cinco subsecretários.<sup>12</sup> *E foram fundamentais os apoios teóricos e teológicos dos iniciais 224 peritos e especialistas das várias*

<sup>10</sup> Cf. G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1, op. cit., pp. 399-400.

<sup>11</sup> T. J. REESE. *O Vaticano por dentro – a política e a organização da Igreja Católica*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 200.

<sup>12</sup> Cf. J. COMBY. *Para ler a História da Igreja I – Do século XV ao século XX*, São Paulo: Loyola, 1994, p. 214.

<sup>13</sup> G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1, op. cit., p. 442.

ciências de 30 países diferentes.<sup>13</sup> Estes peritos chegarão a somar 480 teólogos de muitas escolas e vertentes acadêmicas do mundo cristão. Alguns nomes tiveram destaque na elaboração dos textos mais contundentes e progressistas: Rahner, Ratzinger, Danielou, Congar, Lubac, Küng, Phillips, Thiels e, sobretudo Dominique Chenu. Alguns convidados ecumênicos como Irmão Roger Schutz deixaram impressões marcantes no evento e a presença de representantes luteranos, metodistas, anglicanos e membros do patriarcado russo e de Constantinopla ampliaram o caráter ecumênico e o diálogo com os cristãos de outras confissões e denominações. Foi algo inédito e promissor para o futuro das igrejas e religiões no mundo.

Em 12 de outubro de 2015, há 5.361 bispos católicos vivos, e 46 prelados estiveram pessoalmente no Concílio Vaticano II, finalizado na Basílica de São Pedro em 1.965, no Vaticano, há exatos 50 anos. Do Brasil há ainda 4 bispos vivos: Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba - PB, presente nas sessões 1, 2, 3 e 4, nascido em 15.03.1919, vive atualmente em Belo Horizonte – MG; Dom Serafim Fernandes de Araújo, cardeal arcebispo emérito de Belo Horizonte - MG, presente nas sessões 1, 2 e 4, nascido em 13/08/1924, vive atualmente na mesma Belo Horizonte. Dom José Mauro Rangel de Alarcón Santiago, bispo emérito de Iguatu - CE, presente nas sessões 1, 2, 3 e 4, nascido em 14/05/1925, vive atualmente em Iguatu; Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo emérito de Goiânia-GO, presente na última sessão 4, nascido em 10/06/1926, vive atualmente em Inhumas - GO.

<sup>14</sup> Cf. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 22 e *Christus Dominus* - Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos, n. 4. In F. VIER (org.). *Compêndio do Vaticano II*. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 37-113 e pp. 401-436 respectivamente.

<sup>15</sup> Cf. CÓDIGO DE DIRETO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983, cânones 330 e 337.

<sup>16</sup> Cf. *Christus Dominus*, n. 4. In F. VIER (org.), *Compêndio do Vaticano II*, op. cit, pp. 579-596.

#### 4. Protagonismo e sistemática de participação

Os padres conciliares foram assim chamados, os membros ou sujeitos privilegiados da realização do Concílio Vaticano II, o vigésimo primeiro ecumênico. Os bispos conciliares sucedem o colégio dos Apóstolos no Magistério Universal da Igreja<sup>14</sup> e unidos ao papa exercem o seu máximo poder de governo e comunhão católica,<sup>15</sup> com respeito a toda a Igreja de que dispõe o Colégio dos bispos assim convocado pelo bispo de Roma.<sup>16</sup>

Assim foram chamados todos os que tinham direito a voz e voto (cânon 339), que tinham a dignidade episcopal (tais como os patriarcas orientais, cardeais, arcebispos, arcebispos-maiores, bispos diocesanos, bispos titulares, bispos auxiliares, prelados, vigários apostólicos, exarcas, eparcas, abades

nullius, administradores apostólicos, prefeitos apostólicos e os ordinários militares) ou um grupo seletivo de superiores gerais das ordens e congregações religiosas nomeadas pelo pontífice para participar das aulas e votos durante o Concílio, sendo padres em plena potestade, tal como o superior geral dos jesuítas, dos redentoristas e dos padres paulinos. O número oficial foi de 3058 membros das quatro sessões conciliares, que duravam dois a três meses a cada ano, vindos de 158 países. Entre os votantes estavam presentes 129 superiores gerais.

Os padres conciliares tinham direito por ofício de participar de todas as sessões, manifestar-se e votar nas congregações gerais na Basílica de São Pedro. Muitos deles foram escolhidos para ser um dos coordenadores ou secretários das dez comissões de trabalho e estudos, cada uma delas com 16 membros eleitos pelos padres e nove nomeados pelo papa, em que se elaboravam os esquemas de documentos a serem aprovados pela plenária dos padres. Os votos eram dados por meio de uma das fórmulas: *placet* (sim), *non placet* (não) e *placet juxta modum* (sim, com emendas), marcados em cartões (*hollerit*) depois processados pelas equipes de secretária e trabalhados nas comissões de trabalho.

## 5. Recursos materiais e financeiros

Todos sabem que a retaguarda de serviços e pessoal é imprescindível. E os custos também. Um fator positivo para diminuir custos era o fato de realizar o Concílio Ecumênico em Roma, que contava com os funcionários da Santa Sé e do Estado do Vaticano para sua efetivação prática. Estima-se que só em gastos na Basílica se chegou perto de um milhão de dólares. Parte destes gastos foi coberta pela Conferência Episcopal alemã e outra parte pelo IOR e pelos bispos americanos.

O Estado da Cidade do Vaticano emprega cerca de 1.300 pessoas (a maioria italianos e leigos) e a Santa Sé emprega outros 2.483 (719 clérigos, 261 religiosos, 110 religiosas, 1.115 leigos e 278 leigas em 1994). O orçamento do Vaticano é de cerca de 130 milhões de dólares por ano. Os gastos com pessoal envolvia em 1995 o total de 74 bilhões de liras italianas.<sup>17</sup>

*Uma parte importante da logística conciliar foi hospedar e garantir o pagamento de viagens e a estadia de muitos*

<sup>17</sup> T. J. REESE, *Vaticano por Dentro*, op. cit., pp. 287, 291 e 298.

bispos de países distantes e dioceses paupérrimas. Os hóspedes da Santa Sé foram na primeira sessão 1.518 padres, na segunda foram 1.380, na terceira foram 1356 e na última sessão, foram pagas as despesas de 1.538 padres conciliares. Isto representava metade da Assembleia reunida e ao final representou um total de 1.491.255.419 liras pagas para este gasto operacional primário.<sup>18</sup> Esta orientação fora dada expressamente pelos papas João XXIII e Paulo VI.

<sup>18</sup> G. CAPRILE, *II Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 551.

Um elemento central em evento transnacional é o ofício dos tradutores e intérpretes, nas dezenas de idiomas presentes por conta de personalidades de 158 países presentes, incluindo os convidados de outras Igrejas e ritos orientais, que deviam fazer uso operacional do latim, idioma oficial para os pronunciamentos na Basílica e na redação dos documentos e na leitura dos esquemas de trabalho. Aqui se incluem os gastos com a Tipografia Vaticana ao copiar textos sempre multiplicados por três mil exemplares.

Além destes, havia funcionários de toda ordem: homens da limpeza, guardas-suíços, guardas palatinos, operadores de telefone, responsáveis pelo transporte, secretárias de grupo, funcionários para atender aos dois postos de alimentação e restaurantes, para servir em uma hora e meia, cerca de 3.000 pessoas, lembrando que o café fora doado pelo IBC (Instituto Brasileiro do Café) levado por aviões do governo brasileiro até Roma; 22 banheiros instalados dentro e fora da Igreja; apoio para as vestes litúrgicas; oito bombeiros e 20 guardas papais; arquitetos e marceneiros para fazer as arquibancadas com 2.905 lugares dos dois lados na nave central da Basílica, usando todo o espaço de 96 m por 22 m; experts e técnicos em comunicação para equalizar a acústica na Basílica com seus 2.500 metros quadrados de superfície com a ajuda de 37 microfones e 68 caixas amplificadoras e as respectivas gravações e transcrições das atas, feitas por meio de quatro gravadores e o trabalho de 15 estenógrafos; eletricitas que instalaram 42 holofotes na Basílica; jovens seminaristas ou padres estudantes em Roma, no apoio para entrega e coleta das fichas de votação, que eram processadas em sistema de avaliação e computação do tipo *Olivetti-bull*. Estas máquinas fizeram avaliações diárias de 100 mil cédulas de votos, em mais de um milhão de cartões distribuídos para computar sim não ou sim com modificações.<sup>19</sup> Era preciso fazer fichas para os novos bispos eleitos e excluir da lista das sessões, comissões e Congregações Gerais os prelados recentemente falecidos. *Entre as datas de abertura e encerramento, 253 padres conciliares morreram e 296 novos foram acrescentados.*<sup>20</sup>

<sup>19</sup> G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1, op. cit., p. 482.

<sup>20</sup> J. W. O'MALLEY. *O que aconteceu no Vaticano II*, op. cit., p. 33.



A presença de centenas de jornalistas (muitas vezes reunidos na Sala de imprensa da Via della Conciliazione 52) das vastas redes de comunicação, como New York Times, Washington Post, Le Monde e tantos outros, particularmente a RAI, que pode realizar transmissões inéditas por rádio e TV via satélite *Telstar*, durante as sessões públicas e celebrações litúrgicas. As transmissões televisivas compuseram um material audiovisual de 73 rolos de 20.720 metros de fitas gravada.<sup>21</sup>

A rádio Vaticana realizou 82 mil programas dedicados ao Concílio e cerca de vinte e quatro mil horas de transmissão desde o anúncio em 1959 até seu término em 1965 em sete anos de trabalho ininterrupto.<sup>22</sup> Papel importante teve o jornal oficioso *L'Osservatore Romano*. Destaque brasileiro para a edição de dez páginas do correspondente Vito Diniz Neto, para a Revista Semanal Manchete n. 549, de 27 de outubro de 1962. Na sala de imprensa em Roma, havia cem máquinas de escrever, trinta linhas telefônicas internacionais e serviço de telegramas. Na abertura do escritório em dois de outubro de 1962 calcula-se terem sido distribuídos 1000 crachás para os repórteres credenciados.<sup>23</sup> Os gastos da rádio, das embaixadas do Vaticano entravam nos gastos do Estado da Cidade do Vaticano.

A hospedagem dos quase três mil bispos, abades e superiores gerais fazia-se nas casas religiosas, institutos de estudos, hotéis e albergues romanos. Como exemplo, podemos citar a *Domus Mariae*, situada na Via Aurelia 481, próxima do Colégio Pio Brasileiro. Na *Domus* ficaram hospedados muitos bispos brasileiros e alguns de outros países.<sup>24</sup>

Vale lembrar a ação das companhias de turismo e empresas de aviação para emissão de bilhetes, agendamentos, cancelamentos, viagens internas na Itália e Europa por trem, carro ou avião, e as peregrinações dos bispos para países próximos ou para as sedes gerais de congregações religiosas. Houve especial acordo junto das companhias de aviação SAS, Alitalia e KLM. Os bispos da Austrália vieram de navio em viagem de mais de duas semanas. Parcela importante dos bispos brasileiros viajou em avião da Panair do Brasil, em voos contratados pelo governo brasileiro.<sup>25</sup> Em 1962, foram 130 bispos brasileiros que chegavam neste voo dia 10 de outubro no então novo aeroporto de Fiumicino. Outros vieram por outros veículos e na primeira sessão havia um total de 204 bispos brasileiros.

E, enfim, a essencial equipe médica (três grupos de pronto-socorro) para agir quando dos mal-estares, gripes,

<sup>21</sup> Cf. G. CAPRILE, *II Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 546.

<sup>22</sup> Cf. Idem, p. 545.

<sup>23</sup> Cf. G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1, op. cit., p. 461.

<sup>24</sup> Cf. Idem, p. 163s.

<sup>25</sup> Cf. J. O. BEOZZO, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II 1959-1965*, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 157.

complicações alimentares e inclusive quando das inúmeras mortes de padres conciliares ocorridas em Roma, durante as quatro sessões. Este serviço médico contava com um médico, dois enfermeiros e duas porta-macas, com o suporte técnico de duas ambulâncias.

Na última congregação geral quase na clausura do Concílio, em seis de dezembro de 1965, o papa fez a oferta aos bispos participantes de um anel de ouro para cada um dos 2.500 bispos presentes, além da entrega papal de 90 mil dólares para os países subdesenvolvidos, enquanto que para os padres superiores gerais é ofertado pelo papa Paulo VI uma preciosa reprodução fotográfica do Novo Testamento segundo o *Codex Vaticanus Graecus* 1209 (códex B); e enfim, para todos os participantes é entregue um grande diploma cartonado nas dimensões de 35 x 29 cm, estampado em duas cores, com o nome do participante e o timbre da Secretaria de Estado do Vaticano.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Cf. G. CAPRILE, *II Concílio Vaticano II*, op. cit., pp. 472-473.

Um Concílio tem também atores invisíveis raramente nominados. Motoristas, cozinheiras, tradutores, intérpretes, jornalistas; e, sobretudo, secretárias eficientes e previdentes. Entre elas é preciso citar a secretária de todo o episcopado brasileiro ativa na casa de encontros e moradia em Roma, conhecida como *Domus Mariae*, a senhora Aglaia Peixoto, que resolveu cada necessidade particular de cada um dos 221 bispos participantes durante os quatro anos: passagens, câmbio de moedas, passeios, documentos, livros, audiências, organização das conferências, convites, reprografia, contatos, reuniões e, sobretudo, conciliação de agendas e telefones essenciais. Foi o anjo da guarda do episcopado.<sup>27</sup> Sem Espírito não há Concílio, sem bispos não há documentos, sem secretárias não há conexões e sintonia com a vida concreta do mundo. Um Concílio é feito desta mescla de realidades terrestres e celestes. Sobretudo feito de amor e presença de Deus na história humana.

<sup>27</sup> Cf. G. ALBERIGO e J. O. BEOZZO (orgs.). *História do Concílio Vaticano II*. Vol. 1, op. cit., p. 168.